

A variável idade: estudo da variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural

The Variable Age: The Study of Verbal Agreement Variation in the Third Person Plural

Isabel de Oliveira e Silva

Monguilhott

Universidade Federal de Santa Catarina

(UFSC) | Florianópolis | SC | BR

isabelmonguilhott@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-6613-9142>

Raquel Gomes Chaves

Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) | Vitoria | ES | BR

raquel.chaves@ufes.br

<https://orcid.org/0000-0002-6310-0194>

Izete Lehmkuhl Coelho

Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) | Florianópolis | SC | BR

izete.lehmkuhl.coelho@ufsc.br

<https://orcid.org/0000-0001-6865-6004>

Resumo: Investigamos, neste trabalho, a atuação da idade cronológica sobre o fenômeno variável da concordância verbal de terceira pessoa do plural na linguagem falada de florianopolitanos que compõem as amostras Monguilhott (2009) e Chaves (2017). Em determinados fenômenos variáveis, a idade tem se mostrado uma variável social complexa por possibilitar, através da observação da distribuição dos dados em função da estratificação etária da amostra, processos de mudança geracional ou de estratificação etária na conduta linguística dos indivíduos e da comunidade. Para esta investigação, relacionamos à idade as variáveis sociais escolaridade e mercado de trabalho, partindo de pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 2008 [1972]; Labov, 1994) e propondo uma reanálise da variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural com base em dados das duas amostras de uma comunidade com perfil demográfico diferente das comunidades urbanas. Os resultados indicam que o emprego da forma prestigiada de concordância é mais frequente entre aqueles falantes inseridos no mercado de trabalho, mesmo com idade avançada, o que configura dependência singular entre as variáveis sociais idade, escolarização e mercado de trabalho.

Palavras-chave: concordância verbal; idade; escolaridade; mercado de trabalho; Sociolinguística Variacionista.

Abstract: In this paper, we aim to describe the influence of chronological age on the variable phenomenon of third-person plural verbal agreement in the spoken language of Florianópolis, drawing from the Monguilhott



(2009) and Chaves (2017) datasets. In certain variable phenomena, age has emerged as a highly complex social variable, playing a significant role in influencing processes of generational change or age-based stratification in shaping both individual and community linguistic behaviors. To conduct this study, we associated age with social variables such as education level and occupation, guided by the theoretical and methodological assumptions of Variationist Sociolinguistics (Labov, 2008 [1972]; Labov, 1994), Proposing a reanalysis of third-person plural verbal agreement variation based on data from two samples of a community with a demographic profile different from urban communities. The results indicate that the use of prestigious forms of agreement is more frequent among speakers engaged in the labor market, even at an advanced age, highlighting a unique interdependence among age, education, and labor market.

Keywords: verbal agreement; age; education; labor market; Variationist Sociolinguistics.

1 Introdução

Nos estudos sociolinguísticos, a idade (ou a faixa etária) se configura como uma variável social extremamente complexa por possibilitar generalizações a respeito de processos de mudança geracional e de estratificação etária revelados em determinados fenômenos variáveis. Essa complexidade se acentua na estratificação por idade, uma vez que a variável, que em sua concepção é independente, interage naturalmente com outros fatores sociais como escolaridade, mercado de trabalho, redes sociais, classe social, gênero, entre outros.

Os estudos de Monguilhott (2009) e Chaves (2017) sobre a variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural mostraram a interdependência entre as variáveis escolaridade e faixa etária, com o jovem mais escolarizado tendendo a usar marcas mais prestigiadas. Embora essa análise tenha se mostrado bastante significativa, deixou algumas questões em aberto a respeito da complexidade dessa relação. Para investigar essas questões, propomos uma reanálise da variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural com base em dados das amostras Monguilhott (2009) e Chaves (2017). Estudos mostram que a concordância verbal é uma variável ligada ao prestígio e que, por hipótese, estaria relacionada à idade em que os falantes estão no mercado de trabalho (assumida como a faixa etária intermediária). No entanto, nossa expectativa é a de que o comportamento dessa variável se dê de forma distinta na comunidade em exame atinente ao perfil dos informantes.

Para esta investigação, levantamos as seguintes questões norteadoras: (i) Há uma correlação direta entre a marcação distintiva de concordância verbal e os falantes com idade de

maior inserção no mercado de trabalho e de maior escolaridade nas amostras investigadas? (ii) Se sim, como esses aspectos sociais interagem?

A investigação aqui proposta está amparada em pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista (Labov, 1994; Labov, 2008 [1972]) que nos permitem estabelecer algumas correlações entre o fenômeno variável investigado e as variáveis sociais idade, escolarização e mercado de trabalho, a fim de verificar estabilidade ou instabilidade da mudança no comportamento linguístico do indivíduo e da comunidade. Para essa análise iremos mapear o perfil de cada um dos indivíduos da comunidade Costa da Lagoa, uma comunidade menos urbana de Florianópolis-SC, e trazer reflexões a respeito da associação que se faz em geral entre idade ou faixa etária, escolarização e mercado de trabalho. Há evidências de que algum tipo de mudança individual ocorre ao longo da vida. Esse fato exige uma análise mais ampla do desenvolvimento da mudança e uma investigação das mudanças sociais subjacentes às correlações com a idade cronológica.

Assumimos as seguintes premissas desse modelo teórico-metodológico: (i) a variação é inerente ao sistema linguístico; (ii) toda mudança implica historicamente variabilidade e heterogeneidade linguística; (iii) a mudança linguística é gradual; (iv) há correlações entre processos de variação e mudança linguística e fatores linguísticos e sociais; (v) a associação de métodos quantitativos e qualitativos são complementares na explicação da variação e mudança linguísticas.

Este trabalho está assim organizado. Na seção 2, propomos uma discussão a respeito da complexidade da variável idade, com base no modelo da Sociolinguística Variacionista. Na seção 3, fazemos algumas reflexões a respeito do significado social da regra variável de concordância verbal. Na quarta seção, apresentamos os resultados da reanálise da variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural, com base na estratificação dos informantes da Costa da Lagoa das amostras Monguilhott (2009) e Chaves (2017). Por último, tecemos algumas considerações finais, apontando os resultados da força da variável idade combinada com as variáveis sociais escolarização e mercado de trabalho para a explicação do fenômeno variável da marcação da concordância verbal de terceira pessoa do plural.

2 A idade: uma variável complexa

Estudos de Sociolinguística Variacionista realizados no Brasil sobre a variação da concordância costumam dar grande destaque à variável idade (Chaves, 2017; Monguilhott, 2001, 2009; Novais, 2021; Oushiro, 2015; Santos, 2021; Scherre; Naro, 1997; Vieira, 1997; entre outros). Alguns trabalhos observam em uma única sincronia o comportamento estável de grupos de falantes de idades diferentes e, a partir dessa observação, tentam reconstruir a evolução diaacrônica da língua, no tempo aparente. Outros observam em mais de uma sincronia o comportamento da comunidade de fala e o comportamento de indivíduos ao longo do tempo em estudos de tempo real. Outros, ainda, observam a idade correspondente à estratificação etária, quando o indivíduo muda o seu comportamento ao longo da vida, mas a comunidade não acompanha a mesma mudança (cf. Labov, 2008 [1972]; Labov, 1994).

A mudança histórica naturalmente se refletirá na faixa etária. A idade de um indivíduo representa um determinado momento em relação à ordem social, “uma etapa, uma condição, um lugar na história” (Eckert, 2007, p. 151). No curso da vida, as diferenças entre

os sistemas de idades, segundo a autora, envolvem diversas mudanças no status familiar, nas relações de gênero, na situação profissional, nas redes sociais, no local de residência, no envolvimento na sociedade, na participação institucional, no engajamento no mercado de trabalho. Todos esses fatores têm implicações diretas nos padrões de variação. É improvável, portanto, que os falantes passem por mudanças de uma vida sem fazer nenhuma alteração em seu uso de variáveis sociolinguísticas.

O estudo da idade em relação à linguagem, particularmente o estudo da variação sociolinguística, situa-se na intersecção entre a fase da vida e a história. As fases da vida, em geral, são tratadas como: infância, adolescência, juventude, meia-idade e velhice. Enquanto a vida de crianças e adolescentes é dominada pela instituição escolar e educacional, a vida dos adultos é dominada pelo local de trabalho e a vida dos mais velhos, muitas vezes, pelos encontros comunitários nos centros sociais, pela casa de repouso ou lar de idosos.

Costumamos ouvir que os jovens não falam como seus pais, muito menos como seus avós, mas como seus pares. De onde viemos, o que fazemos na vida e as companhias que mantemos também podem estar relacionados com a forma como falamos. Os nortistas geralmente diferem dos sulistas, as pessoas que moram em regiões urbanas das pessoas de regiões rurais, advogados raramente usam a língua como pedreiros, nem as pessoas usam exatamente o mesmo linguajar ao falar em público e conversar com seus amigos. Todos esses aspectos da variabilidade linguística são de interesse para os sociolinguistas.

Pela complexidade dos fatores sociais a que corresponde, a idade cronológica, se comparada a outras variáveis sociais, como ocupação, escolaridade, classe social, gênero, etnia, entre outros fatores, é apenas um indicador aproximado de um composto de fatores heterogêneos. Segundo Eckert (2007), o desafio para a sociolinguística, particularmente para o estudo da variação, é separar esses vários – e às vezes conflitantes – fatores. O indivíduo ou grupo de falantes de determinada idade em qualquer momento representa simultaneamente um lugar na história e uma etapa da vida.

Entender a relação entre classificação etária e variação e mudança linguísticas envolve lidar com algumas questões fundamentais, já levantadas por Eckert (2007, p. 152):

- ◆ Até que ponto e de que maneira a língua de um falante pode mudar ao longo da vida?
- ◆ Como essas mudanças estão inseridas nos estágios e eventos da vida?
- ◆ Em que medida idade interage com outras variáveis sociais?

Para tentar responder a essas questões que requerem um exame do reflexo da mudança linguística na estratificação etária, trazemos reflexões de Labov (2008 [1972]; Labov, 1994) sobre mudança linguística em tempo real e mudança linguística em tempo aparente e de Eckert (2007) a respeito da correlação entre as fases cronológicas de um indivíduo e a história de sua vida.

2.1 Mudança em tempo aparente e mudança em tempo real

Desde os estudos pioneiros de Labov (2008 [1972]) a respeito da centralização da primeira vogal dos ditongos (ay) e (aw) na ilha de Martha's Vineyard, a realização de entrevistas de diversos informantes de faixas etárias diferentes (que representem todos os grupos de idade da comunidade em investigação) permitiu verificar o cálculo das relações entre a variável lin-

guística e a faixa etária. O exame dos dados apontou correlações significativas entre os fatores e permitiu levantar hipóteses sobre a existência de mudança em tempo aparente manifestada na produção dos falantes mais jovens.

A metodologia adotada para a análise da variável faixa etária assume inicialmente a hipótese clássica segundo a qual o processo de aquisição da linguagem se encerra mais ou menos na puberdade e a partir desse momento o vernáculo do indivíduo fica basicamente estável, ou seja, o indivíduo não muda sua língua espontânea no decorrer dos anos. Isso significa dizer que a idade cronológica dos indivíduos representa a passagem do tempo. Assim, um indivíduo de 70 anos corresponderia a um estado da língua de 55 anos atrás e um indivíduo de 15 anos ao estado de língua atual (Naro, 2003). A análise da mudança em tempo aparente considera a distribuição do fenômeno em estudo em função da variável idade ou faixa etária, permitindo caracterizar a evolução diacrônica da língua observada na sincronia, uma situação de estabilidade no comportamento do indivíduo e instabilidade no comportamento da comunidade.

Quando o uso linguístico diferenciado pelas faixas etárias revela instabilidade no comportamento do indivíduo e estabilidade no comportamento da comunidade não se pode falar em mudança em tempo aparente, mas em variação estável ou estratificação etária. A estratificação etária pode ser observada, em geral, quando jovens e velhos apresentam comportamento linguístico similar, e esse comportamento contrasta com o exibido pela população de meia idade, principalmente pela população que está no mercado de trabalho. Nesse caso, os indivíduos mudam sua linguagem no decorrer dos anos, e esse comportamento mostra-se estável na comunidade. Estudos variacionistas frequentemente mostram que o aumento da idade pode estar correlacionado com o aumento do conservadorismo no discurso.

Grande parte dos trabalhos que estudam a idade ou a faixa etária como uma variável social tenciona determinar quando a mudança no tempo aparente, ou no tempo refletido na idade, é reflexo de mudança histórica em tempo real e quando representa estratificação etária. Com apenas a evidência do tempo aparente, não sabemos se os padrões de linguagem da comunidade estão mudando ao longo dos anos ou se os falantes estão se tornando mais conservadores à medida que envelhecem. Sem evidências em tempo real, não há, portanto, como estabelecer se os padrões de variação estratificados por idade realmente refletem mudança em curso.

Vários estudos procuraram abordar o tempo real combinando dados sobre variação em tempo aparente com fontes sobre estágios anteriores da linguagem. Os relatos históricos trazidos por Labov a respeito da centralização dos ditongos (ay) e (aw) na ilha de Martha's Vineyard é um bom exemplo dessa busca da história. Supõe-se, de acordo com Labov (2008 [1972]) p. 28-29) que

quando tomou posse de sua recém-adquirida propriedade em Martha's Vineyard em 1642 Thomas Mayhew trouxe consigo a pronúncia [centralizada] em *right*, *pride*, *wine* e *wife*. A história posterior dessa vogal nos Estados Unidos indica que [ei] continuou a ser a forma favorecida até o século XIX.

Tal uso também aparece nos registros do Atlas Linguístico da Nova Inglaterra (LANE), que serviu de pano de fundo para a investigação que Labov fez na Ilha. Tais informações históricas foram usadas para contextualizar os dados encontrados e para estabelecer a possibi-

lidade de que as diferenças de idade observadas pudesse representar uma continuação de um processo de mudança em curso, refletido na história de vida dos indivíduos vineyardenses.

Para além dessas informações históricas, segundo Labov (1994), é importante combinar estudos em tempo aparente com estudos em tempo real de curta duração. Esses estudos de curta duração começaram a surgir já na década de 1980 em pesquisas de replicação da mesma metodologia de coleta de dados realizada na década de 1960, considerando a mesma comunidade de fala, transcorridas uma a duas décadas da primeira coleta, com o propósito de verificar mudança linguística em progresso.

Em um estudo em tempo aparente, realizado na cidade de Panamá nos anos 1969-1970, Cedergren (1973) observou uma correlação entre a idade decrescente de seus informantes¹ e o aumento do enfraquecimento da palatalização de (ch), em palavras como *muchacha* ou *mucho*, em que a africada [č] chega a ser pronunciada como fricativa [š] na cidade de Panamá. A avaliação social dessa palatalização é negativa, como um estereótipo, aproximando-se da avaliação social que recai sobre a marca zero de concordância verbal e nominal no português brasileiro. Essa avaliação negativa dá-se em geral contra indivíduos menos escolarizados e mais velhos.

Os resultados do estudo de Cedergren (1973) com respeito à variável faixa etária permitiram à autora interpretar naquele momento o caso como uma mudança em curso. Dez anos depois, em 1982, a autora repetiu o experimento na Cidade do Panamá, utilizando grupos de idade parecidos. Ela queria verificar se o fenômeno variável estudado seguia o mesmo percurso de mudança. Os resultados, entretanto, mostraram um uso muito semelhante nos dois tempos, um aumento constante do enfraquecimento da palatalização de (ch) conforme decrescia a idade dos informantes, com uma tendência nos dois casos de estabilização dessa norma nas fases entre a adolescência e a idade adulta, um indicativo de estratificação etária, de acordo com os resultados da autora. Labov (1994, p. 94-97) comenta esses resultados obtidos por Cedergren em 1984, fazendo uma nova projeção estatística. Segundo o autor, para além de estratificação etária, os resultados mostram um crescimento do uso abrandado de (ch), indicando mudança em curso em todas as faixas etárias. Esse caso nos leva a supor, de acordo com o autor, que pode haver coexistência de um padrão de estratificação geracional com uma mudança linguística também geracional – sintoma de uma mudança em curso em tempo real.

O estudo de Labov (2008 [1972]) sobre o (r) constritivo no sintagma *four_{th} floor* realizado em 1962 em três lojas de departamento na cidade em Nova Iorque foi replicado em 1986 por Joy Fowler² em seus menores detalhes. O objetivo desses trabalhos era verificar se o uso de (r) se mostrava um diferenciador social na fala da cidade de Nova Iorque e se eventos de fala rápidos e anônimos poderiam ser usados como base para um estudo sistemático da linguagem. Os resultados dos dois estudos nas lojas de departamento confirmaram os padrões de distribuição de (r) encontrados no estudo de *Lower East Side* de Labov (1966): estratificação social, estratificação estilística por classe social, por ocupação e por idade. Labov observou que as gerações mais jovens, independentemente do nível sócio econômico, pronunciavam o (r) em uma percentagem sensivelmente superior à geração adulta, de modo que o processo mostrava uma mudança geracional em curso. O prestígio associado à variante uso de (r) foi

¹ A autora controlou no trabalho realizado em 1973 as seguintes faixas etárias: 15-20, 20-30, 30-40, 40-50, 50-60, 60-70 e mais de 70 anos.

² Como a loja Klein não estava mais funcionando na década de 1980, Fowler substituiu-a pela loja May's, uma loja de status baixo do mesmo tamanho e localizada na mesma área.

atestado também nos estilos cuidados e mais formais, emitidos por todos os informantes, e em especial, pelos informantes das classes média baixa e alta, revelando os efeitos das circunstâncias sociais nas mudanças em curso.

Estudos de mudança em tempo real de curta duração utilizam metodologias capazes de captar mudança em curso com base em duas estratégias: estudos de tendência e estudos de painel (Labov, 1994). Exemplificados nos trabalhos replicados por Cedergren (1984) e Fowler (1986), os estudos de tendência visam à comparação de amostras aleatórias da mesma comunidade de fala, estratificadas com base nos mesmos parâmetros sociais, pelo menos em dois momentos diferentes do tempo. Já os estudos de painel visam à comparação de amostras de fala dos mesmos indivíduos em diferentes pontos no tempo. Esses estudos em tempo real são importantes por permitirem depreender a direção da mudança na comunidade e no comportamento linguístico de um mesmo indivíduo em pontos sucessivos no tempo.

Resultados desses estudos levaram Labov (1994) a combinar as possibilidades de conduta linguística dos indivíduos e da comunidade, propondo quatro padrões de mudança:

QUADRO 1 — Padrões de mudança no indivíduo e na comunidade

Estabilidade	Indivíduo	Comunidade
1) Estabilidade	estável	estável
2) Estratificação etária	instável	estável
3) Mudança geracional	estável	instável
4) Mudança na comunidade	instável	instável

Fonte: Labov (1994, p. 83)

Os padrões 2) e 3) interessam a este estudo, por refletirem através da variável idade ou faixa etária (e de fatores a ela correlacionados) mudança no indivíduo a partir de sua inserção no mercado de trabalho e mudança na comunidade, relacionada ao tempo aparente, respectivamente. Se um indivíduo da Costa da Lagoa de uma determinada faixa etária reproduz, ao passar de uma idade a outra (ou de uma faixa a outra), o comportamento linguístico de falantes da mesma geração, tem-se um indicativo de que a variação deve ser característica daquela faixa etária. Se, no entanto, ao mudar de idade ou de faixa etária, reproduzir o seu comportamento da faixa anterior, tem-se um indício de que não se está diante de uma característica de estratificação etária, mas sim de mudança geracional ou mudança em tempo aparente. Ambos os padrões podem manifestar diferenças entre as fases cronológicas e a história de vida, fatores que serão mais detalhados a seguir.

2.2 Correlação entre as fases cronológicas e a história de vida

Segundo Eckert (2007), os estudos de variação na comunidade baseiam-se predominantemente na idade cronológica para agrupar os falantes. No entanto, na medida em que as relações sociais e biológicas em desenvolvimento não se movem em sincronia com a idade cronológica, ou entre si, idade cronológica só pode fornecer uma medida aproximada do lugar relacionado à idade do falante na sociedade.

No entanto, há evidências de que algum tipo de mudança linguística individual ocorre ao longo da vida. Esse fato exige uma análise mais ampla do desenvolvimento da mudança e

uma investigação das mudanças sociais subjacentes às correlações com a idade cronológica. Em todas as sociedades, historicamente a idade tem importância porque o lugar do indivíduo na sociedade, na comunidade e na família muda com o tempo. A marcação da maturação, seja por idade cronológica ou por evento ou fase da vida, é regulatória, envolvendo tanto autorização quanto controle.

A realização de determinados marcos relacionados à idade autoriza o indivíduo a assumir papéis, liberdades e responsabilidades particulares. Ao mesmo tempo, obriga o indivíduo a abrir mão de antigos papéis. Eckert (2007) diz que na infância as crianças já se envolvem desde muito cedo em comportamentos linguísticos complexos, estando cientes da relação entre os papéis sociais e a variabilidade da linguagem. Para ilustrar esse comportamento, ela cita o estudo realizado por Roberts e Labov (1992, apud Eckert, 2007). Os autores verificaram que crianças de três anos de idade usam o mesmo condicionamento do adulto para o apagamento da consoante velar de -ing (working ~ workin) e para o apagamento de t/d (worked ~ work; next ~ nex) . De acordo com Eckert, essa é uma boa evidência de que o desenvolvimento da competência sociolinguística se dá muito cedo.

A adolescência, segundo Freitag (2005, p. 113), “é a fase do desenvolvimento social do uso vernacular”. Os indivíduos são mais sensíveis às normas estilísticas impostas pelas suas relações sociais. Eles lideram o uso geral de formas vernaculares, e essa liderança é atribuída ao envolvimento dos adolescentes na construção de suas identidades em oposição aos mais velhos. A adolescência, em geral, é vista como o tempo em que as mudanças vindas de baixo³ ou mudanças espontâneas são implementadas.

Na meia-idade ou idade adulta, porém, a norma linguística de prestígio se impõe aos usos linguísticos dos indivíduos por pressão social exercida pelo mercado de trabalho. Adultos têm sido mostrados regularmente, desde os primeiros trabalhos de Labov (2008 [1972]), mais preocupados com as normas aceitas socialmente dentro de uma comunidade de fala do que as faixas etárias mais jovens. Adotam estilos de fala mais cuidados e conscientes e tendem a abandonar formas vernaculares da juventude. Essa consciência tem sido atribuída à pressão pelo uso de uma linguagem que goza de mais prestígio social no ambiente de trabalho, implementando-se nesse caso, em geral, as mudanças vindas de cima⁴. Já na velhice, em sociedades em que essa fase de vida está diretamente interligada à aposentadoria, o comportamento linguístico dos indivíduos muda para um estilo mais relaxado. Eles passam a assumir papéis sociais, liberdades e responsabilidades particulares, desvinculados das pressões sociais do mercado de trabalho.

No caso do estudo da concordância verbal de terceira pessoa do plural, nosso objeto de estudo, espera-se que, nas variedades do português brasileiro, os adultos usem mais as formas prestigiadas, devido à pressão social pelo uso de uma linguagem padrão no ambiente de trabalho. Essa tendência, no entanto, está fortemente atrelada ao perfil da comunidade

³ Mudanças vindas de baixo são mudanças inconscientes que se expandem na língua a partir da fala vernacular. Segundo Conde Silvestre (2007), são promovidas pela parte inferior da escala social e alijadas das normas linguísticas *standard*. Muitas vezes a forma nova vem associada a traços identitários do grupo.

⁴ Mudanças vindas de cima, segundo Conde Silvestre (2007), costumam seguir a direção das normas aceitas socialmente dentro de uma comunidade de fala. Se difundem mediante a adoção pelos falantes de estilos de fala mais cuidados e conscientes.

em análise – uma comunidade em que a fase de entrada/permanência no mercado de trabalho coincide com a idade adulta.

Os sistemas de idade, então, servem para marcar não apenas o conservadorismo linguístico de um indivíduo no curso de sua vida, mas também a pressão social para usar normas linguísticas aceitas socialmente dentro de uma comunidade de fala, bem como normas estilísticas vernaculares.

Mesmo que a idade cronológica possa ser considerada como um *continuum* em termos de calendário (infância, adolescência, juventude, meia-idade e velhice), traz marcos com grande significado social, relacionados também a transformações institucionais e culturalmente definidas, como por exemplo, a perda do primeiro dente, o primeiro dia de aula na escola, o início da menstruação, a maioridade legal, a formatura, o casamento, o primeiro filho, a menopausa e a aposentadoria. Todos esses fatores refletem diretamente nas faixas etárias. É como se existisse uma medida oficial do lugar do indivíduo no curso da vida e na sociedade.⁵

Com base nesse quadro, levantamos a principal hipótese deste trabalho. Acreditamos que há uma interdependência direta entre as variáveis sociais idade, escolarização e mercado de trabalho que se reflete nas normas linguísticas de prestígio, como no caso da marcação distintiva de concordância. Em outras palavras, acreditamos que a concordância padrão assumirá distribuição que espelha a comunidade linguística em análise, a qual, como veremos a seguir, apresenta singularidades na interação entre essas variáveis, diferentes da esperada em comunidades urbanas.

3 O significado social da variação na concordância verbal

A variação na marcação da concordância verbal no PB, como atestado pela literatura (Chaves, 2017; Guy, 1981; Monguilhott, 2001, 2009; Naro, 1981; Naro, 1997; Novais, 2021; Oushiro, 2015, Santos, 2021; Scherre, Naro, 1997, entre outros), pode ser classificada como um estereótipo (seguindo a nomenclatura laboviana), sendo a variante marcação explícita da concordância mais diretamente relacionada ao uso do português brasileiro culto, haja vista que a variante marca zero é avaliada, frequentemente, de forma negativa pelos usuários da língua (Oushiro, 2015; Benfica, 2024). O estigma atrelado à marca zero de concordância pode se manifestar, como já verificado nos primeiros estudos acerca do tema, na década de 1970, centrado na fala de cariocas adultos em fase de alfabetização (Guy, 1981; Lemle; Naro, 1977; Naro; Lemle, 1976, Naro, 1981). Nos trabalhos referidos, a baixa probabilidade de ocorrência da variante marcada da concordância (de cerca de 40%) era, em termos de produção linguística, associada a indivíduos com pouco ou nenhum grau de escolaridade e com profissões de baixo status social (mecânico, vendedor ambulante, contínuo, porteiro, empregada doméstica, entre outras).

Na atualidade, no entanto, não se registra, na maioria das localidades urbanas do Brasil, percentual de marcação inferior a 70% (Novais, 2021; Santos, 2021). Esse aumento no uso da variante marcada pode estar diretamente relacionado a mudanças sociais ocorridas no Brasil nas últimas décadas, dentre as quais merece atenção a queda expressiva nas taxas de analfabetismo absoluto, embora não se verifique o mesmo em termos de analfabetismo

⁵ Esses marcos podem ser diferentes em sociedades que tradicionalmente não usam a idade cronológica. As diferenças nos sistemas de idade entre as culturas podem ter importantes implicações sociolinguísticas.

funcional, quando ainda há “muita dificuldade para fazer uso da leitura e da escrita em situações da vida cotidiana, como reconhecer informações em um cartaz ou folheto” (Soares, 2022, p.10). Desse modo, é evidente que o acesso à educação formal tem papel determinante no aumento da frequência de emprego da variante marcada da concordância verbal no PB.

Outra consequência indireta no aumento dos índices de concordância é o alcance da posição ocupada pelas pessoas de nossa sociedade, agora com escolaridade mais elevada, no mercado de trabalho. Em outras palavras, a escolaridade atua não só diretamente no aumento das taxas de concordância como indiretamente na possibilidade de ascensão social da população por meio do mercado de trabalho. Assim, conforme Bourdieu e Boltanski (1975), teríamos, neste caso, um mercado linguístico (*linguistic market*), espaço social em que as línguas e/ou as variedades linguísticas são interpretadas como bens simbólicos. Assim, as variedades linguísticas são valorizadas de maneira desigual em diferentes contextos sociais, a depender das percepções dos falantes e a posição que ocupam na estrutura social. O uso da forma marcada da concordância verbal, no mercado linguístico do PB, seria, portanto, um recurso linguístico simbólico de poder e status.

Segundo Sankoff e Laberge (1978), no entanto, nem todos os indivíduos inseridos no mercado de trabalho apresentam um mesmo comportamento linguístico: “professores, atores e recepcionistas tendem a empregar uma variedade mais padrão do que outras pessoas com posição social e econômica similar” (Sankoff; Laberge, 2012, p. 239, tradução nossa)⁶. Nessa perspectiva, em decorrência da profissão e independente do status econômico dos indivíduos, observam-se, mesmo assim, diferenças na fala dos sujeitos. Em linhas gerais, os autores propõem então um valor indexical para identificar os falantes a depender de suas ocupações: “valores altos podem ser atribuídos àqueles que trabalham em campos educacionais, literários, políticos e administrativos da linguagem legitimada, enquanto valores baixos podem ser atribuídos àqueles para os quais o domínio da variedade de fala legitimada não é um critério de seleção: trabalhadores braçais, operários e assim por diante.” (Sankoff; Laberge, 2012, p. 239-240 tradução nossa)⁷

Por fim, além da clara ligação entre aumento da escolaridade e melhores oportunidades no mercado de trabalho (e consequente adoção mais frequente de variantes linguísticas de prestígio), é crucial abordar a interseção desses dois fatores com a idade dos indivíduos. Quando se trata de escolaridade e idade, é evidente que a idade estabelece pelo menos uma limitação à educação: existe uma idade mínima para iniciar/concluir determinados níveis de estudo. Por exemplo, um jovem de 15 anos não pode ter concluído o ensino superior. Essa relação também se estende ao mercado de trabalho: certas ocupações demandam formação universitária, enquanto outras não necessariamente exigem habilidades adquiridas por meio da educação formal.

Diante do exposto, a questão que se coloca é: como a relação entre idade, escolaridade e atuação no mercado de trabalho impacta na variação/mudança da concordância verbal em comunidades menos urbanas, como a Costa da Lagoa, onde a relação entre as variáveis extra-

⁶ No original: “[...] teachers, actors, and receptionist tend to speak a more standard variety than other people of similar social or economical position” (Sankoff; Laberge, 2012, p. 239).

⁷ No original: “Speakers could be grouped according to occupation, and high values could be assigned to those working in educational, literary political, and administrative fields language, and low values to those for whom the mastery of the legitimized speech variety is not a criterion of selection: laborers, manual workers, and so on.” (Sankoff; Laberge, 2012, p. 239-240)

linguísticas distoam das expectativas convencionais? Na tentativa de responder a essa questão, reanalisamos, na seção a seguir, a variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural a partir de amostras de fala de Monguilhott (2009) e Chaves (2017).

4 A reanálise da variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural

Na análise empreendida na Costa da Lagoa por Monguilhott (2009) e Chaves (2017), foram controladas as variáveis faixa etária e escolaridade que se mostraram relevantes. Os mais jovens e os mais escolarizados apresentaram maiores índices de marcação distintiva de concordância. No entanto, por conta do perfil dessa comunidade não foi possível verificar o papel individual de cada uma das variáveis, já que a maioria dos falantes mais velhos tinha apenas quatro anos de escolaridade e dos mais jovens tinha mais de dez anos. Esse perfil motivou a reanálise da variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural, nas amostras Monguilhott (2009) e Chaves (2017), considerando agora o indivíduo.

A Costa apresenta características singulares no que toca ao perfil dos habitantes. A título de ilustração, é relativamente comum encontrar na comunidade indivíduos de idade avançada, em sua maioria com baixa escolaridade, ativos no mercado de trabalho em profissões distintas das que desempenharam ao longo da vida, como a pesca e a agricultura, migrando agora para o setor turístico. Ao mesmo tempo, jovens, em sua maior parte com escolaridade mais alta, podem não estar mais trabalhando, o que configura uma intersecção única de características como idade, nível de educação e participação profissional, que difere do padrão geralmente encontrado em áreas urbanas.

Para melhor compreender os aspectos relacionados às redes de conexões entre os informantes apresentamos a comunidade, nos termos de Milroy (2004), no que de concerne à densidade, plexidade, à mobilidade e ao localismo⁸. Em um segundo momento, buscamos, por meio de uma análise quantitativa e qualitativa, identificar como o uso da concordância problematiza a associação entre idade, escolaridade e fase no mercado de trabalho.

4.1 A Costa da Lagoa: um recorte da comunidade

A Costa da Lagoa, comunidade situada em Florianópolis (SC), como já mencionado, apresenta características particulares. Até recentemente, a localidade permaneceu à margem dos processos de urbanização. A energia elétrica só chegou à Costa em 1982, e o sistema de transporte por meio de barcos foi implementado apenas em 1986 (Gimeno, 1992). Essa singularidade no

⁸ Monguilhott (2009), baseada em Milroy (1980), define densidade como o número de ligações entre os indivíduos em uma rede; plexidade refere-se à capacidade das ligações entre os indivíduos; mobilidade diz respeito ao deslocamento do indivíduo do seu lugar de origem e localismo ao sentimento que o indivíduo tem de pertencer ao local em que mora, valorizando-o socialmente.

processo de urbanização pode ser atribuída, principalmente, ao isolamento da comunidade, que até hoje só pode ser acessada por meio de transporte lacustre ou por trilhas.

No passado, a subsistência da Costa da Lagoa estava fundamentada na agricultura familiar e na pesca artesanal. Mesmo enfrentando desafios geográficos, como um terreno íngreme e pedregoso, a agricultura prosperou na região, enquanto a pesca se restringia à Lagoa da Conceição – bairro próximo. As famílias operavam como unidades solidárias, dependendo umas das outras para sobreviver. Essa interdependência era (e continua sendo) uma característica marcante da comunidade. À época, os habitantes da Costa compartilhavam recursos, conhecimentos e mão de obra, trabalhando juntos para superar as adversidades impostas pela geografia e pelas limitações de recursos, o que configurava uma sociedade extremamente coesa.

Essa união dos membros da comunidade era vista também no processo de construção de habitações, tarefa desafiadora devido à falta de materiais e mão de obra. Outro aspecto que evidencia a relação solidária entre as famílias costenses era o fato de os agrupamentos habitacionais ocorrerem em torno do líder familiar (em geral “o pai”). Desde cedo, as crianças eram educadas para o trabalho, contribuindo com as atividades agrícolas, pesqueiras e domésticas. O mundo infantil na Costa da Lagoa era efêmero, pois as crianças eram consideradas futuros adultos inseridos na produção, e os habitantes mais antigos frequentavam a escola, em média, até o 4º ano do primário, tendo em vista que a única escola da região se limitava até esta etapa.

Na década de 1960, a comunidade passou por uma grande transformação, quando a pesca começou a predominar sobre a agricultura. Isso levou os jovens a buscarem oportunidades fora da Costa, mais especificamente em embarcações rumo ao litoral sul do Rio Grande do Sul. Conforme ressalta Gimeno (1992), “os jovens não queriam mais trabalhar para os pais e viram na pesca uma maneira de romperem com isso”. No entanto, após um certo período, a pesca industrial/artesanal entrou em declínio, levando a comunidade a se voltar para o turismo. Apesar de ser uma comunidade pequena (cerca de 1200 habitantes segundo o Censo de 2010), a Costa oferece um cenário muito atraente, com cachoeiras e uma vista para a Lagoa da Conceição, além de uma culinária local rica, tornando-a um ambiente muito propício às atividades turísticas.

Na atualidade, a maioria dos habitantes trabalham para atender às necessidades locais. Assim, ocupações representativas dos indivíduos são: professores da única escola da região, proprietários e funcionários de restaurantes (muitos dos quais haviam atuado na pesca artesanal), profissionais de enfermagem no posto de saúde da comunidade, empreendedores e colaboradores de empreendimentos locais tais como a sorveteria e o minimercado, além de trabalhadores da construção civil.

Percebe-se, portanto, que a comunidade apresenta perfil único, relacionado ao seu isolamento geográfico que afetou principalmente os mais velhos da comunidade que pouco estudaram e apresentavam baixa mobilidade. Com o passar do tempo a comunidade recebeu muitos turistas, o que parece refletir nos usos linguísticos dos costenses que manifestam alto grau de atenção à fala usada com os visitantes.

4.2 A variação da concordância verbal de terceira pessoa na Costa da Lagoa

A partir do perfil da comunidade, delineado anteriormente, constata-se que o nível de escolaridade e a idade dos costenses, bem como sua conexão com mercado de trabalho na Costa da Lagoa é bastante variável. A exemplo disso, é comum encontrarmos hoje, na localidade, sujeitos mais velhos com baixa escolaridade e menos mobilidade se comparados aos habitantes mais jovens. Na Tabela 1, delineamos o perfil dos sujeitos analisados, conforme estratificação dos informantes das amostras Monguilhott (2009) e Chaves (2017):

TABELA 1—Estratificação dos informantes nas amostras

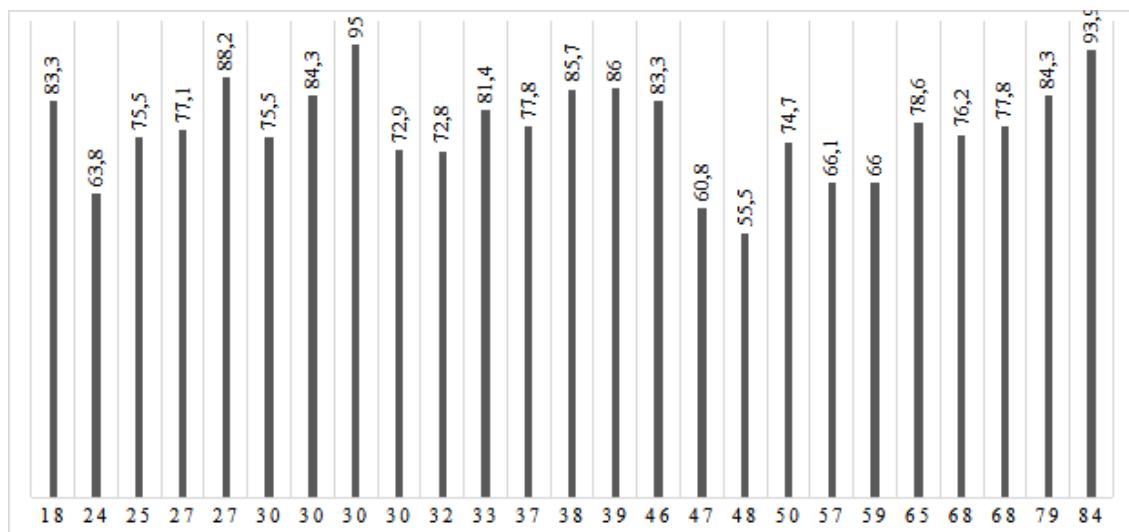
Informante	Idade	Escolaridade	Ocupação	Amostra	Valores de CV (%) (aplicação/total)
1	18	EF	Garçonne de restaurante	Chaves (2017)	83,3 (105/126)
2	24	EF	Garçom de restaurante	Chaves (2017)	63,8 (30/47)
3	25	ES	Graduado em Turismo (Foco turismo na Costa)	Chaves (2017)	75,5 (37/49)
4	27	EM	Ex-funcionário de empresa de alarmes (região mais urbana) Funcionário do restaurante do pai na Costa (garçom e outras funções)	Chaves (2017)	77,1 (27/35)
5	27	ES	Graduado em Administração de Empresas Administrador de restaurante na Costa	Chaves (2017)	88,2 (45/51)
6	30	EF	Atendente de lojinha turística na Costa	Chaves (2017)	75,5 (37/49)
7	30	EM	Garçom de restaurante	Chaves (2017)	84,3 (27/32)
8	30	ES	Graduado em Administração e sócio em um dos restaurantes	Chaves (2017)	95,0 (19/20)
9	32	1º ano do EM	Técnica em enfermagem Ex-funcionária de hospital na região central de Florianópolis Administradora de restaurante na Costa com o esposo	Chaves (2017)	72,9 (51/70)
10	33	6ª série do EF	Pedreiro e prestador de serviços gerais na Costa	Chaves (2017)	72,8 (14/19)
11	37	EM	Garçom desde pequeno no restaurante da família e prestador serviços gerais	Chaves (2017)	81,4 (79/97)

12	37	EF	Doméstica em região mais central de Florinaópolis (semana) e cozinheira em restaurante (finais de semana)	Chaves (2017)	77,8 (70/90)
13	38	ES	Pedagoga na Escola da Costa	Chaves (2017)	85,7 (36/42)
14	39	EM	Cozinheira de restaurante nos finais de semana e dona de casa	Chaves (2017)	86,0 (105/122)
15	46	ES	Professora de educação infantil da rede pública municipal de Florianópolis	Monguilhott (2009)	83,3 (45/54)
16	47	EF	Prestador de serviços gerais	Monguilhott (2009)	60,8 (28/46)
17	48	EF	Ex-pescador e ex-lavrador Prestador de serviços gerais de empresa de embarcações	Monguilhott (2009)	55,5 (35/63)
18	50	4 ^a série do EF (primário)	Ex-pescador Sócio-proprietário de restaurante	Chaves (2017)	74,7 (115/154)
19	57	EF	Dona de casa	Chaves (2017)	66,1 (41/62)
20	57	4 ^a série do EF (primário)	Ex-pescador e dono de restaurante	Chaves (2017)	66,0 (31/47)
21	59	EM	Auxiliar de enfermagem e dona de casa	Chaves (2017)	78,6 (121/154)
22	65	4 ^a série do EF (primário)	Ex-pescador Presidente de empresa de embarcações	Chaves (2017)	76,2 (16/21)
23	68	4 ^a série do EF (primário)	Ex-cozinheira de restaurante e ex-doméstica na região central de Florianópolis Aposentada	Chaves (2017)	77,8 (35/45)
24	79	3 ^a série do EF (primário)	Ex-Pescador e primeiro Presidente/ Diretor de empresa de embarcações da Costa Aposentado	Chaves (2017)	84,3 (75/88)
25	84	4 ^a série do EF (primário)	Proprietária e atendente da sorveteria	Chaves (2017)	93,9 (92/98)

Fonte: Elaboração própria.

Como a concordância verbal é um fenômeno associado fortemente ao grau de escolarização, e a grande maioria dos costenses mais velhos estudou apenas até a 4^a série do antigo primário, nossa premissa inicial era a de que os maiores índices de marca zero de concordância seriam verificados neste grupo. Ao organizarmos os resultados percentuais de marcação de concordância em uma escala por indivíduo (organizados em ordem ascendente por idade), no entanto, essa hipótese não foi corroborada, conforme dados constantes no Gráfico 1 a seguir.

GRÁFICO 1—Índice percentual de concordância organizado por idade ascendente dos indivíduos



Fonte: Elaboração própria.

Em um primeiro olhar, a idade aparentemente não segue a relação convencionalmente observada nos dados do PB em relação à concordância (cf. Chaves, 2017; Monguilhott, 2009; Novais, 2021; Oushiro, 2015; Santos, 2021; Scherre, Naro, 1997; Vieira, 1997; entre outros). Ou seja, não há na Costa da Lagoa um aumento significativo de marcas nas idades intermediárias (idades em que se esperaia inserção no mercado de trabalho), nem uma diminuição nas marcas linguísticas em direção às falas dos mais velhos. Podemos constatar que, de fato, parece não haver um padrão diretamente relacionado à idade dos sujeitos (ou ao menos não exclusivamente à idade). Destacamos que (i) a informante mais velha (84 anos), apresenta 93,9% de concordância, 10 pontos percentuais acima da média da comunidade (que é de 78,3%) e (ii) dentre todos os indivíduos, aquele com apenas 48 anos é o que apresenta o percentual mais baixo de marcação da concordância, 55,5%, valor que se distancia consideravelmente da média (22,8% inferior).

A seguir, na Tabela 2, apresentamos seis informantes que destoam do padrão, com valores 10 pontos percentuais acima ou abaixo da média. Nossa análise, a partir de agora, concentra-se exclusivamente neste subgrupo específico, por conta das oscilações significativas nos índices de marcação da concordância.

TABELA 2—Índices percentuais de CV destoantes da média da comunidade (=78,3%)

Índices baixos de marcação de concordância (em comparação à média)			Índices altos de marcação de concordância (em comparação à média)		
Informante	Idade	Percentual	Informante	Idade	Percentual
Informante 2	24 anos	63,8%	Informante 8	30 anos	95%
Informante 16	47 anos	60,8%	Informante 24	79 anos	84,3%
Informante 17	48 anos	55,5%	Informante 25	84 anos	93,9%

Fonte: Elaboração própria.

Ao considerarmos as ocupações e outras características desses informantes, podemos formular algumas hipóteses para explicar os resultados observados. A seguir, apresentamos uma análise individual dos seis informantes.

A informante 25, apesar de sua idade avançada (84 anos) e baixa escolaridade (antigo primário), destoa do padrão esperado pela literatura para esse perfil demográfico. O elevado percentual de marcação explícita de concordância (93,9%) sugere uma certa sensibilidade linguística. Essa contraposição ao padrão esperado pode ser interpretada, primeiramente, à luz de sua ocupação como proprietária de uma sorveteria, o que a coloca em contato frequente com uma variedade de falantes, especialmente turistas. Esse contato pode ter influenciado sua fala, levando-a a adotar um estilo de linguagem mais cuidadoso.

Vale notar ainda, que em um trecho da entrevista, ela revela encarar o trabalho não como uma fonte de subsistência, mas como uma oportunidade para interagir socialmente: “Trabalho nela [na sorveteria] porque em casa assim não tenho muito o que fazer à tarde. Então venho aqui e vejo o pessoal, converso com um, converso com outro, e venho aqui sentir um pouco.” Essa perspectiva evidencia o espaço laboral como um lugar de uso da língua, um lugar para a prática da linguagem e da interação social. Em outro trecho, ela evidencia ainda, sua visão positiva acerca dos turistas.

Pergunta: Falando em sossego, esses turistas que vêm pra cá incomodam?

Resposta: Não, não.

Pergunta: Não?

Resposta: Só ajuda a gente.

Pergunta: É?

Resposta: É. Umas pessoas boas, conversam com a gente. Uma cachoeira, uma praia, depois vão pro restaurante, pra onde eles querem. São muito alegres.
(Informante 25)

Ao se referir aos turistas como “pessoas boas”, que “conversam” e “são muito alegres”, é possível supor que ela busque ajustar sua fala para garantir uma comunicação mais eficiente e agradável. Esse cuidado linguístico (constatado pela alta preferência da marcação distintiva) poderia ser interpretado como uma espécie de “cartão de visitas” da sorveteria, refletindo a preocupação em proporcionar uma experiência positiva aos clientes e reforçar a imagem acolhedora do estabelecimento.

O informante 24 compartilha um perfil muito semelhante ao da informante 25. Com 79 anos e baixo nível de escolaridade (primário), ele também apresenta um percentual significativo de marcação de concordância, atingindo 83,4%. Anteriormente envolvido na pesca, ele agora ocupa uma posição de liderança e mantém contato frequente tanto com os moradores locais com mais mobilidade, que utilizam as barcas para deslocamento ao centro de Florianópolis, quanto com os turistas que visitam a região por meio dessas embarcações. Essa interação diversificada pode contribuir para esclarecer a alta taxa de concordância observada em sua fala.

O caso dos dois informantes mais velhos (informantes 24 e 25) ressalta que a permanência no mercado de trabalho está fortemente ligada ao uso de formas linguísticas de prestígio, independentemente da idade. Isso é evidenciado pelo fato de ambos, apesar da idade

avançada e baixa escolaridade, apresentarem índices de marcação de concordância bastante superiores ao da média da comunidade em suas falas.

Já o informante 16, em contrapartida, apresenta um índice de marcação da concordância verbal inferior à média da comunidade, correspondente a 60,4%. Uma análise mais acurada do perfil deste informante pode auxiliar na compreensão da razão pela qual, embora tenha apenas 47 anos, seu índice de marcação de concordância é relativamente baixo. No que diz respeito ao mercado de trabalho, suas ocupações ao longo da vida, apresentaram um padrão que sugere um contexto profissional que não exigiu educação formal. Inicialmente, o informante esteve envolvido em atividades como lavrador e pescador, antes de assumir um cargo em uma empresa de limpeza urbana em Florianópolis. Sua trajetória educacional também reflete essa realidade, uma vez que ele frequentou apenas até a 3^a série do ensino fundamental, sem adquirir habilidades de leitura.

No âmbito familiar, convive com uma esposa que concluiu até o 4^º ano do ensino fundamental e trabalha como doméstica, enquanto a maioria de seus cinco filhos completou o ensino médio. Além disso, sua presença marcante nas redes sociais da comunidade evidencia um forte vínculo com a Costa, apesar de sua mobilidade geográfica ocasional para trabalhar na área continental de Florianópolis. É interessante notar que, mesmo com essa mobilidade, o informante nunca viajou para fora da cidade, demonstrando um enraizamento profundo em sua comunidade de origem. Os relatos do informante 16 reforçam essa sensação de pertencimento, sugerindo uma coesão social significativa dentro da Costa da Lagoa, onde os laços comunitários são fortes e permeiam a vida cotidiana dos residentes. Tal posição acerca do pertencimento fica evidente nos dois trechos a seguir

Pergunta: Sempre morou aqui?

Resposta: Sempre, meu bisavô, meu avô, meu pai, meu pai mora lá em cima na última casa de cima lá, nós somos tudo uma família só, primo, cunhado, irmão, compadre, sogro, sogra, bem pouca mora aqui de fora, umas dez famílias, umas quarenta casas, mas mora mesmo de fora umas dez pessoas, o resto é tudo nativo. [...] Não tem quem dizer aquele lá não é meu parente, entendeu? Então nós somos tudo uma família só.

Pergunta: O senhor gosta de morar aqui?

Resposta: Gosto.

Pergunta: Nunca pensou em morar em outro lugar?

Resposta: Não, nunca. O melhor lugar do mundo. Eu nunca viajei, mas eu vejo por televisão [...] Ninguém sonha em sair da Costa, todo mundo que vem aqui de tudo que é lugar do mundo diz que isso aqui é uma coisa abençoada.

A análise dos informantes 16 e 17, que apresentaram os menores índices de marcação de concordância na amostra investigada (60,8% e 55,5%, respectivamente), revela um padrão interessante. Os dois, com idades próximas (47 e 48 anos, respectivamente), têm perfis sociais semelhantes: o informante 16 é ajudante de pedreiro, enquanto o informante 17 é trabalhador de empresa de embarcações da Costa. Essas ocupações, por não exigirem educação escolar avançada, podem elucidar os baixos índices de marcação de concordância em suas falas. Ao contrário do que se espera para indivíduos inseridos no mercado de trabalho, o baixo índice de marcação pode ser interpretado como consequência da ausência de pressão social para adoção de formas linguísticas mais prestigiadas, dada a natureza das profissões exercidas. Estes dois casos exemplificam a interseção entre escolaridade e status ocupacional no mercado de

trabalho, destacando que a utilização das formas de prestígio da língua não é necessariamente determinada pela atuação laboral: o status simbólico das profissões desempenha um papel significativo nesta dinâmica, influenciando as escolhas linguísticas dos indivíduos.

Outro indivíduo que merece nossa atenção é o informante 2, de 24 anos, que apresenta percentual de marcação explícita de concordância baixo, equivalente a 63,8%. O jovem estudou até o Ensino Fundamental e trabalha como atendente de um dos restaurantes da comunidade. Diferentemente dos demais jovens que compõem a amostra em exame, ele não concluiu o Ensino Médio. Em sua fala, destacamos a demarcação de pertencimento à Costa e de baixa mobilidade do informante em trechos como “saio daqui só a passeio mesmo” e “morar e trabalhar só aqui. Gosto mais daqui.”. Ressaltamos que, mais uma vez, a idade parece não ser o fator determinante nos usos linguísticos da comunidade. Apesar de jovem e do contato frequente com turistas, o informante apresenta pouca mobilidade e revela não ter interesse em deixar a Costa no futuro (além de escolaridade intermediária).

O informante 8, por seu turno, de 30 anos, é o que apresenta índice mais elevado de marcação de concordância (95%) da amostra. Formado em Administração de Empresas, trabalha como sócio em um dos restaurantes mais procurados pelos turistas na Costa. Além disso, ele é responsável pelo contato, pelas negociações com fornecedores de fora da comunidade, pelas mídias sociais do restaurante e pelo agendamento de eventos. Em um dos trechos de sua fala, ele menciona o fato de “falar diferente” quando se dirige ao público.

Pergunta: E tu nota alguma coisa na tua fala assim que é bem característica do manezinho, ou na fala dos outros?

Resposta: Então. Agora assim eu acho que a gente é... por trabalhar com público, a gente tem, a gente acaba se se segurando um pouco né na na na fala, não fala assim muito corrido, muito rápido.

No tocante à mobilidade, ressaltamos que o informante semanalmente visita a parte central de Florianópolis, sendo encarregado de resolver as questões burocráticas do restaurante.

O uso de um estilo de fala mais cuidado é visivelmente observado no seguinte relato: “a gente acaba se se segurando um pouco né na na na fala, não fala assim muito corrido, muito rápido”. Neste trecho, ele sinaliza um grau alto de atenção à fala ao se dirigir a seu interlocutor, que em geral é o público externo à comunidade. Essa sensibilidade linguística, de certa forma, pode estar relacionada ao alto índice de marcação explícita de concordância verbal (95% dos casos).

Os outros três informantes da amostra investigada que concluíram o Ensino Superior, informantes 5 (de 27 anos), 13 (de 38 anos) e 15 (de 46 anos), também apresentam índices altos de marcação de concordância, com 88,2%, 85,7% e 83,3% dos casos, respectivamente. Todos eles estão inseridos em um mercado de trabalho e atuam em profissões que exigem monitoramento da fala, tais como administrador de estabelecimento comercial (informante 5) e de professor do ensino fundamental (informantes 13 e 15). Esse conservadorismo ligado a índices altos de marcação distintiva de concordância tem sido atribuído à pressão social exercida no ambiente de trabalho, corroborando estudos de Eckert (2007).

5 À guisa de conclusão

Procuramos, neste artigo, fazer uma reanálise da variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural com base em dados das amostras Monguilhott (2009) e Chaves (2017). Nessa nova investigação observamos a atuação das variáveis faixa etária, escolarização e mercado de trabalho sobre o fenômeno linguístico variável na linguagem falada de 25 informantes florianopolitanos da Costa da Lagoa. Como destacamos na análise da Tabela 1, os informantes costenses apresentaram em média 78,3% de marcação distintiva de concordância, com a maioria dos mais jovens tendendo a um maior índice de marcação e a maioria dos mais velhos, a um menor índice. Seis desses informantes, no entanto, não seguiram essa tendência, o que nos levou a uma análise desses indivíduos: a informante mais velha (84 anos), por exemplo, foi a que apresentou maiores índices de concordância distintiva. Tudo leva a crer que o mercado de trabalho nesses seis casos desempenha papel fundamental nas escolhas linguísticas desses informantes. Essas diferenças quanto à história particular de cada um dos indivíduos investigados, nos auxiliaram a responder às nossas questões iniciais: (i) Há uma correlação direta entre a marcação de concordância verbal e os informantes com idade de maior inserção no mercado de trabalho e de maior escolaridade? (ii) Se sim, como esses aspectos sociais interagem?

O mapeamento do perfil de cada um dos informantes investigados da comunidade Costa da Lagoa possibilitou reflexões a respeito da associação que se faz entre idade, escolarização e mercado de trabalho. Os resultados desta investigação reafirmam a complexidade do estudo da variável faixa etária. Essa complexidade fica evidente quando observamos que nem todas as comunidades de fala espelham as mesmas relações de interdependência entre essas variáveis, o que se reflete nos usos linguísticos, neste caso, da marcação da concordância.

Por um lado, a análise do indivíduo permitiu observar a interdependência esperada para comunidades urbanas entre as variáveis faixa etária, escolarização e mercado de trabalho na Costa da Lagoa. O emprego das formas de prestígio foi mais frequente entre aqueles falantes com idade de maior inserção no mercado de trabalho e mais escolarizados, devido às pressões sociais. É o caso dos informantes 5, 8, 13 e 15. Eles têm curso superior completo e trabalham em profissões que demandam obrigatoriedade de escolarização formal (alto poder simbólico).

Por outro lado, observamos, em alguns casos, a interdependência singular entre as variáveis faixa etária, escolarização e mercado de trabalho na comunidade. Os informantes 2, 24 e 25 apresentam comportamento linguístico não esperado, como já ressaltamos. O informante 2, de 24 anos, com escolaridade mediana (ensino fundamental) e inserido no mercado de trabalho, apresentou índices de concordância abaixo do esperado. Os informantes 24 e 25, por seu turno, idosos e poucos escolarizados, mas ainda inseridos no mercado de trabalho, apresentaram taxas altas de marcação de concordância (84,3% e 93,9%, respectivamente).

Em suma, destacamos a complexidade das dinâmicas sociolinguísticas em comunidades como a Costa da Lagoa, onde idade, educação e contexto profissional se relacionam de formas variadas, impactando nos usos linguísticos, neste caso, na marcação da concordância. A análise individualizada dos informantes revela padrões esperados, mas também casos que desafiam as generalizações tradicionais direcionadas especialmente a comunidades urbanas.

Declaração de autoria

As autoras declaram que participaram de todas as etapas de desenvolvimento do artigo.

Referências

- BENFICA, S. de A. *Atitudes linguísticas de falantes da área rural e da área urbana do Espírito Santo*. 2024. 156f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2024.
- BOURDIEU, P.; BOLTANSKI, L. Le fétichisme de la langue. *Actes de la recherche en sciences sociales*, v. 2, n. 1, p. 2-32, 1975.
- CEDERGREN, H. *The interplay of social and linguistic factors in Panama*. 162f. 1973. Ph.D. dissertation (Language and Literature, linguistics) – Cornell University : Ithaca, 1973.
- CEDERGREN, H. *Panama revisited*: sound change in real time. Apresentação em NWAVE, Philadelphia, 1984.
- CHAVES, R. G. *A redução/desnasalização de ditongos nasais átonos finais e a marcação explícita de CVP6: um estudo de correlação*. 2017. 359 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2017.
- CONDE SILVESTRE, J.C. *Sociolinguística histórica*. Madrid: Gredos, 2007.
- ECKERT, P. Age as a Sociolinguistic Variable. In: COULMAS, Florian (Ed.). *The Handbook of Sociolinguistics*. Blackwell Publishing, 1998. Blackwell Reference Online. 28 December 2007. Disponível em: http://www.blackwellreference.com/subscriber/tocnode?id=g9780631211938_chunk_g97806312119381.
- FOWLER, J. *The social stratification of (r) in New York City department stores, 24 years after Labov*. New York University, manuscrito não publicado, 1986.
- FREITAG, R. *Idade*: uma variável sociolinguística complexa. *Língua & Letras*, v. 6, n. 11, p. 105-121, 2005. DOI: 10.5935/rl&l
- GIMENO, S. . *O destino viaja de barco*: Um estudo histórico, político e social da Costa da Lagoa e de seu processo de modernização (1930-1990). 188f. 1992. Dissertação de mestrado, Programa de Pós Graduação em Ecologia Política. UFSC: Florianópolis, 1992.
- GUY, G. *Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history*. 391f. 1981. Tese (Doutorado em Linguística) – University of Pennsylvania, Philadelphia, 1981.
- LABOV, W. *The social stratification of English in New York City*. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.
- LABOV, W. *Padrões Sociolinguísticos*. [1972] Tradução: Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- LABOV, W. *Principles of linguistic change: internal factors*. Cambridge: B. Blackwell, 1994.
- LEMLE, M; NARO, A. *Competências Básicas do Português*. Relatório Final apresentado às instituições Fundação Ford e Movimento Brasileiro de Alfabetização (Mobral), 1977.

- MILROY, L. Social Networks. In: CHAMBERS, J. K.; TRUDGILL, P; SCHILLING, N. (eds.) *The Handbook of Language Variation and Change*. Oxford, U.K.: Blackwell Publishing Ltd, 2004. p. 549-572.
- MONGUILHOTT, I. de O. e S. *Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos floridianopolitanos*. 2001. 109 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2001.
- MONGUILHOTT, I. de O. e S. *Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE*. 2009. 229 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.
- NARO, A. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*, v. 57, p. 63-98, 1981.
- NARO, A. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza (Orgs.) *Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, 2003. p.43-50.
- NARO; A.; LEMLE, M. Syntactic diffusion. In: STEEVER, Sandord B. et al. (eds.) *Papers from the parasesis on Diachronic Syntax*. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1976. p.221-241.
- NOVAIS, V. S. de. *Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala de universitários sergipanos*. 2021. 109f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Programa de Pós-graduação em Letras da Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, Sergipe, 2021.
- OUCHIRO, L. *Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo*. 2015. 372f. Tese (Doutorado em Semiótica e Lingüística Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- SANTOS, I. F. “*Eu não falo assim, mas eles fala*”: uma análise geossociolinguística da concordância verbal de terceira pessoa do plural na mesorregião norte maranhense. 2021. 133f. Dissertação (Mestrado em Letras) — Programa de Pós-graduação do em Letras da Universidade Federal do Maranhão, 2021.
- SANKOFF, D.; LARBEGE, S. The linguistic market and the statistical explanation of variability. In: TAGLIAMONTE, Sali A.; BAAYEN, R. Harald. (orgs.). *Analyzing linguistic variation: statistical models and methods*. Oxford: Oxford University Press, 2012. p.167-194.
- SCHERRE, M.; NARO; Anthony Julius. A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente. In: DA HORA, D. (org.) *Diversidade linguística no Brasil*. Idéia: 1997. p. 93- 114.
- SOARES, M. *Alfaletrar*: toda criança pode aprender a ler e a escrever. São Paulo: Contexto, 2022.
- VIEIRA, S. A não-concordância em dialetos populares: uma regra variável. *Graphos*, v. 2, n. 1, p. 115–133, 1997.